

**26° EDIÇÃO
MINIONU**

CE (2025)

**AS IMPLICAÇÕES SOCIAIS,
POLÍTICAS E ECONÔMICAS DO
BREXIT**

DIRETORA
LYRIA MENDES

DIRETORAS ASSISTENTES
CLARISSE AYGEMANG
MARIA FERNANDA NEIVA

**GUIA DE
ESTUDOS**

**11 A 14 DE OUTUBRO DE
2025**

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO DA MESA DIRETORA	2
1.1. Lyria Mendes Guido Coelho - Diretora	2
1.2. Clarisse Agyemang - Diretora Assistente.....	2
1.3. Maria Fernanda Oliveira Neiva - Diretora Assistente	3
2. APRESENTAÇÃO DO TEMA.....	4
2.1 Antecedentes.....	4
2.2 O Brexit.....	5
2.3 A União Europeia.....	8
2.4 Argumentos favoráveis e contrários ao Brexit.....	12
2.5 O perfil das votações do referendo do Brexit.....	13
2.6 As implicações do Brexit.....	15
3. APRESENTAÇÃO DO COMITÊ	18
4. PRINCIPAIS POSICIONAMENTOS DO COMITÊ.....	19
4.1 Delegações impactadas positivamente pelo Brexit.....	19
4.2 Delegações impactadas negativamente pelo Brexit.....	19
5. QUESTÕES RELEVANTES NAS DISCUSSÕES.....	21
6. REFERÊNCIAS.....	22
7. QUADRO DE DELEGAÇÕES – Conselho Europeu (2025).....	27

1. APRESENTAÇÃO DA MESA DIRETORA

1.1 Lyria Mendes Guido Coelho – Diretora

Olá, queridos delegados e delegadas, me chamo Lyria Mendes e sou a Diretora do comitê Conselho Europeu (2025): As implicações sociais, políticas e econômicas do Brexit. Sou de Belo Horizonte, tenho 20 anos e, atualmente, estou cursando o 6º período de Relações Internacionais na PUC Minas. Além disso, sou estagiária de política e diplomacia do Consulado Britânico em Belo Horizonte. Desde o ensino médio, participo de simulações da ONU, e foram algumas das experiências mais transformadoras e memoráveis durante os meus anos de escola. Sou apaixonada pela proposta de simular debates em ambientes diplomáticos e acredito profundamente nos modelos de simulação como um instrumento para pensarmos um mundo melhor, mais inclusivo e sustentável.

Em 2024, participei do MINIONU pela primeira vez, como Diretora Assistente do comitê ONU-Habitat (2024): A segregação espacial de imigrantes nas cidades ao redor do mundo, momento de muito aprendizado e novos desafios, fundamentais para minha jornada acadêmica, profissional e de desenvolvimento pessoal. Agora, em 2025, retorno ao MINIONU, projeto plural e transformador, como Diretora do comitê Conselho Europeu, em que iremos discutir o complexo fenômeno do Brexit, os impactos que ainda permanecem após a saída do Reino Unido e formular medidas para atenuar as consequências, com um olhar atento para em como as propostas que formulamos no presente podem contribuir para um futuro mais harmônico. Esse assunto que permanece extremamente atual, principalmente nesse período crítico que vivenciamos tantas transformações no ambiente internacional.

Dessa forma, sejam todos muito bem-vindos a 26ª edição do MINIONU. Venham preparados para os debates, carregados de ideias e energias para discutir e formular diversas medidas para assuntos globais. Contem conosco para o que precisarem, estamos à disposição para criarmos um comitê o mais acolhedor, responsável e inesquecível possível. Nos vemos em outubro. Até logo!

1.2 Clarisse Agyemang – Diretora Assistente

Queridos delegados e delegadas, é com imenso prazer que venho me apresentar a vocês! Sou a Clarisse e atualmente estou cursando o quarto período de Relações Internacionais (RI) pela PUC Minas, no campus Lourdes. Sou Diretora Assistente do comitê sobre as Implicações sociais, políticas e econômicas do BREXIT, o Conselho Europeu (2025). Além disso, sou estagiária de comércio exterior em uma mineradora de ardósia.

Minha história com o MINIONU se iniciou em 2023, quando fui, como vocês, delegada! Participei do comitê OSCE (2023) sobre a complexidade do tráfico humano na Europa. Essa experiência mudou minha vida e foi determinante para me levar ao curso de RI, que eu amo de coração.

Por isso, não pude deixar de participar do MINIONU na primeira oportunidade! Ano passado iniciei minha contribuição ao projeto e fui voluntária na 25ª edição, dentro do comitê CSNU (2023): a utilização de empresas Militares e de Segurança Privadas no mundo contemporâneo. Ver a realização das simulações por outra perspectiva foi maravilhoso.

Agora, como Diretora Assistente do Conselho Europeu, tenho certeza de que teremos dias incríveis por vir. Quero que vocês estejam totalmente confortáveis para se expressar e utilizar os conhecimentos que vocês construíram. Estamos trabalhando muito para fazer com que essa seja a melhor experiência possível para vocês! Portanto, espero que vocês possam abordar as discussões com tanto interesse quanto nós tivemos ao preparar o comitê. Excelentíssimos delegados, aguardo vocês em outubro e já estou ansiosa para conhecê-los!

1.3 Maria Fernanda Oliveira Neiva – Diretora Assistente

Prezados (as) delegados (as), primeiramente, gostaria de lhes dar as boas-vindas ao Conselho Europeu (2025)! Meu nome é Maria Fernanda Neiva, tenho 20 anos, sou de Teófilo Otoni-MG e sou diretora assistente do comitê e estou no 3º período de Relações Internacionais na PUC Minas. Sempre me interessei muito por áreas relacionadas à política e sobre história de outras culturas e pessoas. Durante o ensino médio, participei de um torneio de debates e de 3 simulações online, duas sendo eleitorais temáticas, em que representei o estado de Rondônia e a assessoria de comunicação, cuidando de parte da cobertura jornalística dos debates eleitorais e planos de campanha. A única vez que me vi como delegada em uma simulação da ONU, foi em uma simulação online que me encontrei aleatoriamente cercada de delegados do Sudeste Asiático, sendo eu a única delegada do continente americano. Eu representava o Azerbaijão dentro do Conselho de Direitos Humanos das Nações Unidas, onde debatemos sobre cerceamento de liberdades, incluindo principalmente a liberdade de imprensa, que era uma grande questão para a minha delegação.

Esse é o meu segundo ano no MINIONU, ano passado fui voluntária da Cúpula do Futuro (2024) onde foi discutido os desafios para alcançar os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável promovidos pela Agenda 2030. Aprendi muito e conheci muita gente incrível. Estamos à disposição para o que vocês precisarem, aproveitem os recursos e materiais, discurssem e conheçam pessoas novas, com desejo que vocês tenham uma ótima experiência no 26º MINIONU!

2. APRESENTAÇÃO DO TEMA

2.1 Antecedentes

O Reino Unido da Grã-Bretanha e Irlanda do Norte¹ é uma união política formada por 4 países: Inglaterra, País de Gales, Escócia e Irlanda do Norte. Esse agregado de nações britânicas, há séculos mantém relações com demais países europeu - ora relações conflitantes, ora relações de cooperação. Em 1973 o Reino Unido passa a integrar a Comunidade Econômica Europeia (denominação que antecede a União Europeia). O papel do Reino Unido no bloco econômico europeu foi sempre marcado por empecilhos e relações complicadas, já que logo assumiu uma posição maior de destaque perante os outros países do bloco e mesmo assim, manteve suas particularidades. E, em 1992 a União Europeia (UE) é fundada de fato, com o Reino Unido como país membro, mas não adere a diversas medidas do bloco, como a moeda oficial. O Euro, é a moeda adotada pela UE desde 2002, entretanto os britânicos nunca adotaram essa medida e continuaram a utilizar sua moeda própria, a Libra Esterlina (Wilson, 2014). Dessa forma, a presença britânica na União Europeia foi um motivo de divisão entre a população do Reino Unido: parte temia que a integração europeia resultaria na perda da soberania nacional britânica e, por outro lado, parte temia que se o Reino Unido se mantivesse isolado do bloco econômico europeu, acarretaria diversas consequências para o Reino Unido (Ananieva, 2018).

Um fator fundamental para o crescimento do sentimento contrário à integração a União Europeia foi a crise financeira de 2008 que abalou a economia mundial provocando uma recessão global. O que começou devido a uma bolha imobiliária nos mercados americanos, logo se espalhou ao redor do globo, levando diversos bancos a falência e grandes quedas nas bolsas de valores. No Reino Unido, as ações no mercado financeiro reduziram em 32%, inúmeros bancos precisaram ser resgatados pelo governo, a bolsa de Londres registrou uma queda de quase 4% e o PIB britânico despencou em 4,25% (BBC News Brasil, 2021). Entretanto, na Europa os países mais impactados pela grande recessão de 2008 foram os chamados “*PIIGS*”:² Portugal, Irlanda, Itália, Grécia e Espanha, registrando altas taxas de dívida e de desemprego, principalmente a Grécia (BBC News Brasil, 2021). Assim, as demais economias da União Europeia fizeram aportes bilionários para auxiliar na recuperação dessas

¹ Um elemento importante é saber diferenciar os termos Reino Unido, Inglaterra e Grã-Bretanha. Reino Unido é o nome abreviado da união política formada por 4 países: Inglaterra, Escócia, País de Gales e Irlanda do Norte. A Inglaterra é um dos países constituintes e a Grã-Bretanha se refere a Ilha onde Inglaterra, País de Gales e Escócia estão localizados.

² Termo utilizado de maneira pejorativa (se assemelha a “porcos” em inglês) para se referir aos países que tiveram as economias mais fracas e impactadas pela crise financeira de 2008, levando a crise da Zona do Euro.

economias, o que gerou uma onda de protestos e insatisfações por grande parte da população, e para a população britânica, reacendeu questionamentos do papel do Reino Unido no bloco, devido ao compromisso de financiar economias estagnadas do bloco. Esse sentimento de contrariedade às medidas da União Europeia refletiu na política do continente europeu. No Reino Unido, então, o Partido Conservador derrotou o Partido Trabalhista nas urnas, levando David Cameron ao cargo de Primeiro-Ministro. Uma das promessas de campanha de Cameron era a realização de um plebiscito sobre o futuro do país dentro da União Europeia. Dessa forma, todos esses fatores de crise econômica, crise da Zona do Euro e crises migratórias que se intensificaram na Europa por volta de 2011, levaram ao famoso e complexo processo conhecido como Brexit (BBC News Brasil, 2021).

2.2 O Brexit

Em 2016, iniciou-se um longo e importante fenômeno na Europa ocidental de transformação das relações internacionais da atualidade, o Brexit³, acrônimo inglês formado a partir da junção das palavras “*Britain*” e “*exit*” que se referiu ao processo da - até aquele momento - possível saída do Reino Unido da União Europeia (UE). No dia 23 de junho de 2016, a população britânica votou em referendo⁴ popular respondendo à pergunta “Deve o Reino Unido permanecer como membro da União Europeia ou sair da União Europeia?”, e 52% da população decidiu pela saída do Reino Unido do bloco econômico (El País, 2016). O plebiscito foi autorizado pelo então primeiro-ministro britânico do Partido Conservador, David Cameron – apesar de ser opositor ao Brexit - realizou o referendo devido a pressões de outros parlamentares de seu partido, o Partido Conservador, e do Partido de Independência do Reino Unido (UKIP) – fortemente defensores do Brexit. Após os resultados da vitória do Brexit, o primeiro-ministro David Cameron renunciou ao cargo, afirmando que um outro líder, favorável à saída do Reino Unido, deveria conduzir esse processo. Sua sucessora foi Theresa May, secretária de Estado para assuntos internos e presidente do Partido Conservador na época, que assumiu o cargo de primeira-ministra do Reino Unido (El País, 2016). Theresa May assumiu a posição de primeira-ministra (2016-2019) e foi a principal responsável pelas negociações do Brexit, entretanto May também renunciou ao cargo, em 2019. Por fim, o primeiro-ministro Boris Johnson assumiu a posição e com a aprovação do Parlamento Inglês,

³ O “divórcio” entre o Reino Unido e União Europeia ficou conhecido por “Brexit”, que significa a junção das palavras Grã-Bretanha (*Britain*) e saída (*exit*), ou “saída britânica”.

⁴ Um referendo se refere a uma consulta popular realizada após a criação de um ato legislativo ou administrativo, a fim de questionar a população sobre a rejeição ou ratificação do mesmo. Já um plebiscito se refere a uma consulta popular, a fim de decidir sobre uma questão relevante para a nação realizada anteriormente à criação de um ato legislativo ou administrativo

aprovou o texto do Brexit no final de 2019 e Reino Unido deixou oficialmente a União Europeia em 31 de janeiro de 2020.

Figura 1 - Resultados do Referendo do Brexit



Fonte: CNN, 2016.

O mapa acima, fornecido pela CNN, demonstra como os resultados do referendo se manifestaram pelo espaço geográfico do Reino Unido: em azul, estão os votos pela permanência na União Europeia, que se concentraram na Escócia e Irlanda do Norte, região norte e oeste do Reino Unido. Já em vermelho, estão os votos pela saída do Reino Unido da União Europeia, que se concentraram na Inglaterra e País de Gales, exceto por uma região em azul na Inglaterra que representa Londres.

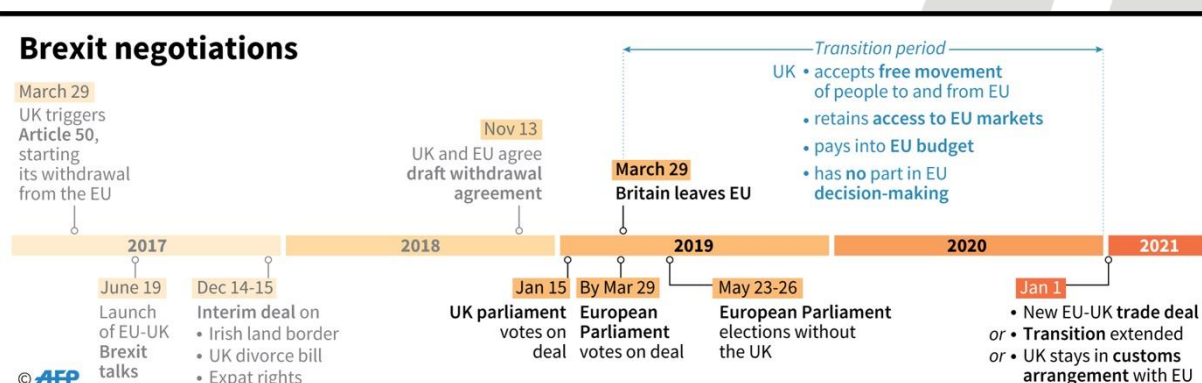
Apesar da pequena margem de diferença de votos, o resultado do referendo surpreendeu muitos analistas internacionais, visto que essa decisão contrariou diversas recomendações do primeiro-ministro no período David Cameron, de deputados eleitos, de líderes políticos europeus que defendiam a permanência (El País, 2016) e de diversos presidentes pelo mundo, como o então presidente americano Barack Obama, que argumentava sobre a importância e a prioridade de comercializar com o Reino Unido por meio da União Europeia como bloco, ao invés de acordos fragmentados (The Guardian, 2016). Além disso, diversos líderes empresariais ao redor do mundo e organizações internacionais, como o Fundo Monetário Internacional (FMI) e o Banco Mundial também recomendaram a permanência na União Europeia (Clarke; Goodwin; Whiteley, 2017).

Desde o início das movimentações pelo Brexit dentro do Reino Unido, as lideranças das instituições da União Europeia demonstraram sua insatisfação e descontentamento com a decisão do Reino Unido, entretanto buscaram respeitar os resultados do referendo e

trabalhar a fim garantir os direitos dos cidadãos britânicos dentro do bloco (European Council, 2020).

Assim, por longos e arrastados 3 anos, desde o referendo em 2016, foram debatidos nas instâncias da União Europeia os termos econômicos e sociais para a saída do Reino Unido do bloco econômico, além de negociações para o período de transição e para que ocorresse de maneira mais amigável possível. Seguindo uma linha do tempo, como representada na imagem abaixo, em março de 2017, o Reino Unido apresentou formalmente o pedido de saída do bloco para o Conselho Europeu, recorrendo ao artigo 50º do Tratado de Lisboa (Tratado da União Europeia). Em 31 de janeiro de 2020, a saída do Reino Unido foi de fato concretizada e ao longo ano de 2020 foram definidas as condições e as novas regras implementadas a partir de primeiro de janeiro de 2021, por meio do Acordo de Comércio e Cooperação União Europeia - Reino Unido, definindo os objetivos em comum para a relação entre o Reino Unido e os países da União Europeia futuramente (European Council, 2025). Apesar de estar bem distante do nível de integração política e econômica que o Reino Unido possuía sendo parte da União Europeia, o Acordo de Comércio e Cooperação estabeleceu pontos importantes em assuntos como o comércio de bens e serviços, energia, transportes, aviação, pesca, propriedade intelectual, cooperação policial, questões sociais e ambientais. Entretanto, o Acordo não se aprofunda em questões fundamentais, como de segurança e política externa, uma vez que o Reino Unido não buscou negociar nesse aspecto (Comissão Europeia, [s.d]).

Figura 2 – Linha do Tempo das negociações do Brexit



Fonte: America CGTN, 2019.

Após os resultados do referendo, um dos impactos mais imediatos foram os reflexos na economia, com quedas em diversas bolsas de valores ao redor do mundo e uma grande desvalorização da Libra Esterlina, que atingiu seu menor valor em 30 anos dentro de apenas 5 horas, chegando a US\$1,3466 (Globo, 2016). Além disso, certas bolsas de valores pela Europa, como na Espanha e Itália, chegaram a cair mais de 12% (G1, 2016). Isso demonstra

que o Brexit teve um impacto significativo tanto na economia britânica quanto na economia de outros países europeus, e esses efeitos perduram até os dias atuais, confirmado pela desaceleração da economia do Reino Unido desde a separação da União Europeia. Ademais, o fato de que a União Europeia é o principal parceiro comercial do Reino Unido, com cerca de 47% das exportações, demonstra a grande interdependência e intensa conexão entre essas economias, fortemente afetadas pelo Brexit. Assim, apesar de permanecer o principal parceiro econômico da União Europeia, após a saída, a economia e o comércio do Reino Unido não apresentaram um crescimento significativo em comparação a outros países, como os membros do G7 (Ziady, 2022).

Além disso, é importante pensar nos impactos e nas condições de vida dos, aproximadamente, 3 milhões de cidadãos da União Europeia vivendo no Reino Unido e dos aproximadamente 2 milhões de britânicos vivendo em países da UE, que perderam o direito de livre circulação, de morar, trabalhar e estudar nesses países, ocasionando um enfraquecimento nas tendências de trabalho e nas contribuições científicas (Dhigra; Sampson, 2016).

A saída do Reino Unido foi um fato de grande relevância para a geopolítica global, isso porque causou uma grande instabilidade política e financeira no maior bloco econômico do mundo, a União Europeia, e pode ser o estopim para que demais países decidam sair da União Europeia, levando a drásticas mudanças no cenário internacional futuramente (Bueno, 2016). Por exemplo, após o Brexit, alguns políticos franceses de partidos conservadores e de extrema direita, candidatos à presidência, como Marine Le Pen, afirmaram que o Brexit era um “passo para a liberdade” para outros países do bloco e que a União Europeia estava em sua “fase terminal”, o que evidencia a instabilidade política do bloco. (Terra, 2016). Movimentos semelhantes, de questionar a permanência no bloco econômico, ocorreram em outros países da União Europeia, como na Polônia, nos Países Baixos e na Espanha, mas não houve um apelo popular significativo. Pelo contrário, dados apontam que o apoio para sair da União Europeia reduziu drasticamente entre a população do bloco após a saída do Reino Unido (The Guardian, 2023).

Ademais, o Brexit levou a instabilidades políticas dentro do próprio Reino Unido, uma vez que as nações britânicas votaram de maneiras contrárias no referendo. Enquanto a Inglaterra e o País de Gales votaram majoritariamente pela saída do Reino Unido, a Escócia e a Irlanda do Norte votaram pela permanência na União Europeia, fato que será aprofundado posteriormente (Sahuquillo, 2016).

2.3 A União Europeia

Em primeiro lugar, é necessário analisar algumas características da União Europeia (UE) e seu contexto de criação. As origens da criação da União Europeia remetem ao fim da Segunda Guerra Mundial, em 1945, período em que o continente europeu se encontrava devastado pelos horrores da guerra, com milhões de civis mortos, dívidas econômicas e destruição interna. Entretanto, mesmo com a ajuda financeira do Plano Marshall⁵, para a reconstrução da Europa, os líderes buscavam medidas para que esse cenário crítico não voltasse a se repetir (União Europeia, [s.d]).

Nesse sentido, em 1951, houve a criação da Comunidade do Carvão e do Aço (CECA), formada por França, Alemanha Ocidental, Bélgica, Itália, Países Baixos e Luxemburgo. O objetivo dessa comunidade era integrar as indústrias de carvão e de aço, unificando a produção e a comercialização desses bens, para garantir que eventuais possíveis guerras se tornassem economicamente inviáveis e para evitar desconfiança entre os países, principalmente entre França e Alemanha, impedindo que algum país ameaçasse os demais belicamente sem que os outros estivessem cientes. Posteriormente, em 1957, a Comunidade Econômica Europeia (CEE) foi fundada pelo Tratado de Roma, com os mesmos países da CECA, acordo que instituiu um mercado comum entre essas potências europeias, fortalecendo os laços entre elas e impulsionando o comércio interno e o crescimento econômico. Tal fato se tornou uma etapa fundamental para dar início às discussões sobre uma integração política. Dessa forma, a EU em 1957, a Comunidade Econômica Europeia (CEE) foi fundada pelo Tratado de Roma, com os mesmos países da CECA, acordo que instituiu um mercado comum entre essas potências europeias, fortalecendo os laços entre elas e impulsionando o comércio interno e o crescimento econômico.

Além disso, o Tratado de Roma também criou a Comunidade Europeia de Energia Atômica (Euratom), voltada para políticas energéticas e de garantia da segurança de materiais nucleares. Em 1973, a Grã-Bretanha, Irlanda e Dinamarca aderem à CEE, seguidos, posteriormente nos anos 80, de Grécia, Portugal e Espanha (União Europeia, [s.d]).

Um marco importante na história da CEE e da União Europeia posteriormente, foi a assinatura do Acordo de Schengen, em 1985, inicialmente por França, Alemanha, Bélgica, Países Baixos e Luxemburgo. O espaço Schengen foi fundamental para a integração europeia, visto que criou uma zona de livre circulação, ou seja, sem controle interno de fronteiras, em que os cidadãos dos países signatários podem transitar e viajar livremente pelos países do espaço Schengen. Além de contribuir com a economia dos países signatários, o Acordo de Schengen também contribuiu com uma maior cooperação entre forças policiais.

⁵ O Plano Marshall foi um plano de recuperação econômica elaborado pelos Estados Unidos, em 1947, após o fim da Segunda Guerra Mundial para auxiliar a reconstruir os países europeus ocidentais devastados pela guerra. O plano tem esse nome devido ao seu idealizador, o Secretário de Estados americano, George Marshall. Além disso, o plano também tinha como objetivo ampliar as áreas de influência americana no continente.

Atualmente, o espaço contempla mais de 450 milhões de pessoas e mais de 4 milhões de km², totalizando 29 países, dos quais 25 fazem parte da União Europeia e demais países de fora do bloco, como Noruega, Islândia e Suíça. Contudo, é importante ressaltar que o Reino Unido nunca aderiu ao Acordo de Schengen (Conselho Europeu, 2025).

Dessa forma, a União Europeia foi fundada de fato em 1992 e entrou em vigor a partir de 1993, com o Tratado de *Maastricht* ou Tratado da União Europeia, que englobava, naquele momento, 12 países e transformou a CEE em União Europeia, como uma união monetária e que foi adquirindo mais membros com o passar do tempo, como Áustria, Suécia e Finlândia. Em 1997, com o Tratado de Amsterdã - que revisa e altera o Tratado da União Europeia ampliando as competências do bloco e reforçando o papel do Parlamento Europeu - o bloco passa a ter uma dimensão social e garante direitos fundamentais para os cidadãos da União (Parlamento Europeu, 2024). Por fim, em 2007, o marco mais importante dessa integração regional foi o Tratado de Lisboa, que fortaleceu significativamente o bloco, mas também foi alvo de discussões por reduzir de certa forma a autonomia dos países membros. Isso ocorreu, porque o Tratado de Lisboa fortaleceu o Parlamento e o Conselho Europeu e passou a intervir em questões migratórias, de segurança interna e integração jurídica. Assim, o bloco adquiriu personalidade jurídica, sendo capaz de participar de tratados internacionais e as leis da União se sobressaíram as leis internas dos países membros. Por fim, o Tratado formulado em 2007, determinou a possibilidade e condições de saída de um país do bloco, por meio do Artigo 50º, determinou os objetivos e valores da União Europeia e propôs o cargo de Presidente do Conselho Europeu (European Council, 2019).

Atualmente, a União Europeia é um bloco econômico e político integrado que tem, como principais objetivos, promover a paz e o bem-estar de seus cidadãos, estabelecer um mercado interno, uma união econômica e um ambiente justo de cooperação e solidariedade, sem fronteiras internas. O bloco funciona como um mercado único, o que significa que há uma livre circulação de bens, serviços, pessoas e capitais, sem barreiras jurídicas, técnicas e burocráticas (União Europeia, [s.d]) pode ser entendida como um sistema político formado por um conjunto complexo de instituições e possui uma intensa rede de conexões, governança e formulação de políticas (Kaiser, Leucht, Rasmussen, 2009). Outrossim, a União Europeia é formada por diversas instituições como o Parlamento Europeu, o Conselho da União Europeia, o Tribunal de Justiça da União Europeia, a Comissão Europeia, entre outros e em relação a sua composição, o bloco possui, atualmente, 27 Estados-membros, são eles: Áustria, Bélgica, Bulgária, Croácia, Chipre, República Checa, Dinamarca, Estónia, Finlândia, França, Alemanha, Grécia, Hungria, Irlanda, Itália, Letónia, Lituânia, Luxemburgo, Malta, Países Baixos, Polónia, Portugal, Roménia, Eslováquia, Eslovénia, Espanha e Suécia.

Além disso, o bloco adota relações de livre comércio, livre circulação de pessoas e, em 2002, uma das principais medidas dessa integração regional entrou em vigor, a criação

de moeda própria e única: o Euro, adotado por 20 países da União Europeia. Assim, essa unificação monetária visava facilitar as transações econômicas e estabilizar a economia dos países membros, além de se tornar uma moeda forte para competir com o dólar. Novamente, essa medida ocasionou uma redução da autonomia dos países sobre suas tarifas e políticas monetárias (União Europeia, [s.d]).

Por fim, a União Europeia é um bloco dinâmico, e há outros países do continente europeu interessados em adentrar e se tornarem parte dessa instituição, entretanto, o processo de adesão de novos membros é extremamente complicado e burocrático. Para além de estar localizado na Europa, os países que desejam se juntar à UE devem estar em conformidade com os critérios do bloco, possuir instituições e governos estáveis, capazes de garantir o Estado de direito e a garantia dos direitos humanos, ter uma economia estável, entre outros. O caso mais famoso é o da Turquia, que desde 1999 tenta se tornar um país-membro. Em 2005, começaram as negociações para a entrada da Turquia, entretanto, devido a instabilidade política no país e ao desrespeito a valores democráticos analisados pelo Conselho, essas negociações se encontram em impasse desde 2018, mesmo sendo um país de relacionamento extremamente estratégicos para a UE (Conselho Europeu, 2024). Além da Turquia, a Ucrânia, a Moldávia, e países dos Balcãs como Albânia, Bósnia, Sérvia, já têm candidaturas oficiais para tentar adentrar o bloco futuramente (Exame, 2023).

Figura 3 - Países membros da União Europeia



Fonte: Conselho da União Europeia, 2020.

2.4 Argumentos favoráveis e contrários ao Brexit

Há diversos argumentos que corroboram para a saída do Reino Unido da União Europeia e para a campanha do voto “*Leave*” (voto pela saída). Em relação à economia, os apoiadores do Brexit afirmavam que a União Europeia e as taxas de adesão custavam mais dinheiro dos impostos britânicos do que realmente retornavam, como as cerca de 350 milhões de libras enviadas semanalmente para a UE e que esses recursos poderiam ser utilizados em outras demandas internas do Reino Unido, como no aprimoramento e financiamento do sistema de saúde - *National Health Service* (NHS), fato utilizado intensamente durante campanhas pró-Brexit, como uma de suas principais promessas (Domínguez, 2016).

Além disso, a campanha de saída argumentava que, fora da UE o Reino Unido teria mais liberdade para comercializar com outros parceiros econômicos essenciais, como os Estados Unidos, o Japão e a Índia, e que seria mais fácil para pequenas empresas e empreendedores britânicos se desenvolverem sem as burocracias inflexíveis da União Europeia (IG, 2020). Ainda na economia, a crise de 2008 permanecia como plano de fundo que influenciou as votações no referendo, já aterrorizava os britânicos a possibilidade de outras crises financeiras como essa (Whiteley, 2017).

Outro fator importante, é que os apoiadores do Brexit, também chamados de “*leavers*”⁶, argumentavam que “Bruxelas” (sede da União Europeia) detinha muito controle sobre as questões políticas do Reino Unido, ou seja, gerava uma perda de autonomia do Reino Unido em suas próprias decisões (Mendez-Parra, 2024). Dessa forma, segundo os *leavers*, a institucionalização e burocracia da UE se tornava uma ameaça para a soberania nacional do Reino Unido, que cedia grande parte de sua autonomia ao bloco, e que o Reino Unido deveria ter mais controle sobre suas próprias leis e regulamentos sem imposições da União Europeia. Outro ponto que foi um dos principais compromissos da campanha pró-Brexit: a retomada do controle das fronteiras e questões migratórias.

Além disso, para os “*leavers*”, a saída não seria tão impactante no âmbito global, visto que o Reino Unido permaneceria com seu papel de destaque em organizações de extrema importância como no Conselho de Segurança da ONU e na Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) (Mearsheimer, 2019).

Os apoiadores do Brexit tinham como uma das principais demandas, que o Reino Unido retomasse o controle sobre suas fronteiras, formulando políticas migratórias próprias. Os apoiadores do Brexit afirmavam a forte ideia de que os imigrantes, principalmente do leste europeu, devido à medida de livre circulação, sobrecarregam os sistemas públicos, como de

⁶ O Brexit intensificou a polarização política no Reino Unido, que pode ser evidenciado uma vez que os ingleses se dividiram nas denominações “*leavers*” e “*remainers*”, apoiadores do Brexit e opositores do Brexit, respectivamente. Termo que fortaleceu a identidade política dos britânicos.

saúde e a educação, e tomam oportunidades de trabalho de cidadãos do Reino Unido. Além dessa resistência com cidadãos de países do leste europeu que adentraram ao bloco, também há uma forte resistência a imigrantes de países de fora da União Europeia e de fora da Europa

Por outro lado, os opositores do Brexit – também chamados de “*remainers*” – argumentavam que as fortes conexões econômicas oriundas do bloco, compensam os gastos destinados à UE, uma vez que Londres se firmava enquanto o grande centro comercial/econômico da Europa, com diversas trocas e facilitação da venda de mercadorias, produtos e serviços. Assim, o status internacional do Reino Unido era muito forte dentro do bloco, com muita influência nas decisões e questões internacionais, e que se comportava como um dos atores principais dentro da União Europeia, ou seja, o Brexit reduziu a influência e o poder no cenário internacional tanto do Reino Unido quanto da União Europeia (Henökl, 2018).

Ademais, os “*remainers*” também argumentavam que a inserção em um bloco era benéfica para questões de segurança interna do continente e na agilidade das respostas a possíveis ameaças, como de terrorismo. Já na economia, inúmeras empresas europeias investiam milhões de libras no Reino Unido anualmente, nos setores públicos e privados, e o comércio livre de barreiras na União Europeia era essencial para o desenvolvimento e crescimento de empresas britânicas. Nesse sentido, os que votaram pela permanência, também argumentaram que o Brexit contribuiu para a redução da taxa de crescimento econômico e PIB do Reino Unido, segundo o FMI e a OCDE. Além disso, a União Europeia é o principal parceiro comercial do Reino Unido, com cerca de 47% das exportações destinadas e fornecedor fundamental de importações (Mendez-Parra, 2024). Ainda, milhões de britânicos tinham empregos vinculados à Europa, que foram impactados pelo Brexit, e inúmeros produtos e bens de serviço tinham preços menores devido à União Europeia, causando uma redução do poder de compra dos britânicos (IG, 2020).

2.5 O perfil de votação do referendo do Brexit

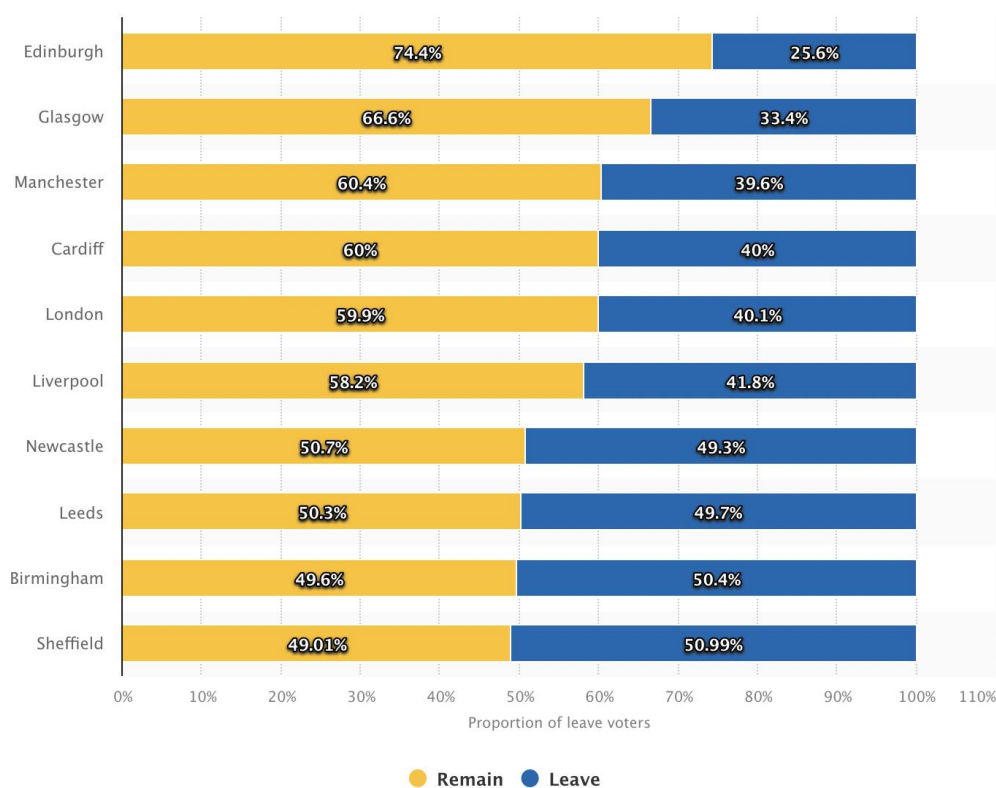
Entender o perfil de votação contrária e favorável ao Brexit é fundamental para compreender quem são as pessoas que votaram pela permanência ou pela saída da União Europeia e os impactos na formulação de política externa e interna do país, a fim de entender as transformações sociais do país e analisar previsões de comportamento no cenário internacional. Além disso, é possível analisar a divisão de opiniões presentes entre os próprios países do Reino Unido, demonstrada pela votação e nos impactos que essa divergência de votação pode ter futuramente, gerando uma instabilidade política dentro do Reino Unido.

Um grande destaque evidenciado, é a diferença etária em relação ao perfil da votação contrária ao Brexit, segundo dados levantados pela pesquisa da empresa YouGov, intitulada

“EU referendum: Provincial England versus London and the Celts”, realizada em 2016. Em geral, cerca de 79% da população mais jovem (18-29) optou pela permanência do Reino Unido na União Europeia, enquanto 63% da população idosa (60+) optou pela saída (The Telegraph, 2016). Já em relação aos níveis de escolaridade, as pesquisas demonstraram que a população com maiores níveis de escolaridade, que frequentaram a universidade, votaram majoritariamente a favor da permanência do Reino Unido no bloco. Ainda, as cidades grandes e cosmopolitas, como Londres, Edimburgo, Cardiff, Manchester, Liverpool, Glasgow, também votaram pela permanência na União Europeia (YouGov, 2016).

Um dos principais motivos para o engajamento da população jovem são as conexões e diversas oportunidades de estudo e trabalho no exterior, em inúmeros países, que a União Europeia proporciona. Inclusive, a população jovem se manifestou contra a saída da União Europeia, depois do referendo, no famoso festival britânico *Glastonbury*, um dos principais festivais de música do mundo. Durante o evento, que contou com aproximadamente 180.000 pessoas, a juventude britânica manifestava com bandeiras e gritos de apoio a União Europeia (El País, 2016).

Figura 4 - Resultados da votação nas principais cidades grandes do Reino Unido



Fonte: Statista, 2016

O gráfico acima, retrata as porcentagens das votações do Brexit entre as principais e as maiores cidades do Reino Unido, como Londres, a capital; Glasgow e Edimburgo, as cidades mais populosas da Escócia; Cardiff, a capital do País de Gales; e Manchester e Liverpool, outras grandes cidades da Inglaterra. Como é possível perceber, a maioria desses municípios votou majoritariamente pela permanência do Reino Unido na União Europeia (dados apresentados em amarelo pela classificação “*remain*” ou “permanecer”).

Por outro lado, nas cidades médias e pequenas, a população idosa (60+), a população com menores condições financeiras e de menores níveis de escolaridade votaram, majoritariamente, pela saída do Reino Unido do bloco. Além disso, a zona rural inglesa, em geral, optou pela saída, o que demonstra uma mudança no cenário político, já que o campo costumava ser uma região com forte presença de movimentos trabalhistas e sindicais. Já cidades grandes como Londres e Cardiff (a capital do País de Gales) votaram pela permanência, por todas as conexões e oportunidades de trabalhos e de morar sem visto (YouGov, 2016).

Além disso, a Escócia e a Irlanda do Norte, com quase dois terços do eleitorado, optaram pela permanência na União Europeia, por diversos motivos. Nicola Sturgeon, primeira-ministra escocesa, na época do referendo, anunciou que essa votação poderia incentivar um novo referendo sobre a Escócia deixar o Reino Unido. Já a Irlanda do Norte tem relações próximas e faz fronteira completamente com a Irlanda, que é membro da União Europeia, logo, o Brexit pode levar a complicações nas questões políticas e comerciais entre essas nações (The New York Times, 2016). Em relação aos demais países, a Inglaterra e o País de Gales votaram, em sua maioria, pela saída.

Sendo assim, o Brexit foi um fenômeno indesejado por grande parte dos habitantes do Reino Unido, principalmente na Escócia e Irlanda do Norte e essa divisão entre os próprios países do Reino Unido é um grande ponto de atenção nas discussões, pois demonstra, não apenas uma fragilização política dentro do Reino Unido, como também uma intensificação de movimentos separatistas, como já visto na Escócia, que buscava se manter parte da União Europeia (Sahuquillo, 2016).

2.6 Implicações do Brexit

Sendo assim, é essencial analisar e discutir acerca das diversas implicações e consequências oriundas do Brexit, por meio de diferentes perspectivas e como eles impactam de maneira global diversos países e atores internacionais.

Um dos principais questionamentos acerca do Brexit está relacionado às questões migratórias. Isso ocorre pois o Reino Unido historicamente conta com um grande e crescente número de imigrantes, tanto de países da União Europeia, quanto de países de fora do bloco

e de antigas colônias britânicas. Após a crise migratória de 2011 e dos levantes de movimentos como a Primavera Árabe⁷, a imigração para o continente europeu se intensificou de maneira significativa (Whiteley, 2017). Nesse sentido, um argumento crucial utilizado na campanha pró-Brexit, consistiu na crença de que a saída do grupo faria com que o Reino Unido tivesse mais controle sobre suas fronteiras e diminuiria o número de imigrantes, que na concepção de muitos, era sinônimo de escassez de oportunidades de trabalho e sobrecarga dos sistemas públicos, como na saúde e na educação (Wadsworth; Dhingra; Ottaviano; Van Reenen, 2016). Entretanto, na realidade, após o Brexit, enquanto as migrações oriundas de países da EU diminuíram, as migrações provenientes de países de fora do continente aumentaram.

É importante ressaltar também que as campanhas favoráveis ao Brexit foram intensamente marcadas por notícias falsas e pela disseminação de mensagens de caráter xenofóbico e preconceituoso. Poucas horas após o referendo, foram noticiados episódios de racismo e xenofobia nas cidades britânicas e nas redes sociais (BBC News Brasil, 2016).

Ademais, os imigrantes oriundos dos demais países da UE e de outros países ao redor do mundo, se caracterizam como mão de obra, ou seja, contribuem com a economia e funcionamento do Reino Unido, principalmente devido ao intenso contexto de envelhecimento populacional vivido. E a chegada de mão de obra qualificada contribui com o aprimoramento de centros acadêmicos e científicos.

Em outras palavras, o Reino Unido, assim como diversos países europeus, sofre com o contexto crítico de envelhecimento populacional. Os avanços da medicina e o aprimoramento de políticas públicas contribuíram para o aumento da expectativa de vida, já as taxas de natalidade percebidas nas últimas décadas, vem diminuindo significativamente devido à maior inserção das mulheres no mercado de trabalho, aos crescentes ritmos de urbanização e o acesso à informação (Nações Unidas, 2024). Assim, as projeções indicam que o número de pessoas idosas pode ultrapassar o número de crianças e adultos, consequentemente, haverá uma diminuição da população economicamente ativa, que contribui ativamente na economia, fornecendo mão de obra, produção de bens e serviços. Sendo assim, nesse contexto de envelhecimento populacional do Reino Unido, os imigrantes são atores fundamentais para ajudar a mitigar os efeitos desse problema e são fundamentais para o funcionamento dos países, como mão de obra e aumento da taxa de natalidade.

Porém, o Brexit, e principalmente a campanha a favor da saída do Reino Unido foi marcada por mensagens de xenofobia e ódio a imigrantes. Assim, essa crescente de sentimentos xenófobos e ultranacionalistas contra pessoas de outras nacionalidades, bem

⁷ A Primavera Árabe foi uma série de protestos e manifestações populares que ocorreram entre 2010 e 2013 em países do Oriente Médio e norte da África. Os protestos se iniciaram na Tunísia e denunciavam a repressão política e perda de direitos fundamentais.

como o crescimento de grupos de extrema-direita que fortaleceram o movimento do Brexit. Esse contexto, é certamente um fator que impacta na condição de vida e na segurança dos imigrantes no Reino Unido, já que diversos casos de xenofobia foram identificados na época do referendo (BBC News, 2016).

É possível elencar também as implicações econômicas do Brexit, como a grande desvalorização da bolsa de valores inglesa e de economias ao redor do mundo. Nas economias africanas, o Brexit teve um impacto significativo, visto que a maioria dos acordos comerciais entre países africanos e o Reino Unido eram intermediados pela União Europeia, que agora muitos serão reformulados ou até interrompidos junto com projetos e iniciativas no continente africano (Nações Unidas, 2016). A África do Sul, maior parceiro comercial do Reino Unido no continente africano e ex-colônia britânica, teve uma queda de 8% em sua moeda, o *rand*, 12 horas após os resultados do referendo e teve seu PIB reduzido em 0,1% devido ao mercado de importações e exportações com o Reino Unido. Além disso, diversas empresas sul-africanas poderão ser impactadas, uma vez que estão listadas nas bolsas de valores de Londres e Joanesburgo (Nações Unidas, 2016).

A Nigéria e o Quênia, segundo e terceiro maiores parceiros comerciais do Reino Unido na África, são outros países fortemente impactados pelo processo do Brexit. Além de uma possível redução nos comerciais bilaterais, que segundo projeções, poderiam chegar a 20 bilhões de libras, a economia nigeriana sofrerá com a redução nos preços do petróleo e o Quênia poderá sofrer com quedas nas exportações e a perda de cerca de 4 bilhões de xelins quenianos (US\$ 39 milhões) com a reformulação de acordos com a UE e o Reino Unido (Nações Unidas, 2016).

Outros impactos do Brexit poderão ser percebidos no cotidiano dos britânicos como nas relações de trabalho nos países do Reino Unido e nos países da União Europeia. Além disso, é evidente que o Brexit é um fenômeno que acompanha o avanço de um movimento ultranacionalista, separatista e conservador que vem crescendo no continente europeu e do aumento de grupos de extrema direita (Bachmann; Sidaway, 2016). Dessa forma, é necessário pensar nos impactos do Brexit para as populações mais vulneráveis, e impactadas por esses movimentos conservadores, principalmente os imigrantes, refugiados, mulheres, crianças e a população LGBTQIAP+.

Por fim, é possível analisar o Brexit enquanto um fenômeno crucial para pensar a situação da ordem internacional atual. Isso ocorre, pois o Brexit deixou diversos efeitos de instabilidades na União Europeia e no Reino Unido. Assim, a fragilização do bloco, um dos mais fortes atualmente e a instabilidade do Reino Unido, uma das economias mais fortes do mundo, é um ponto de atenção.

Recentemente, em maio de 2025, houve um dos principais acontecimentos pós-Brexit nas relações entre a União Europeia e o Reino Unido: o *UK-EU Summit*. Durante esse

momento, que ocorreu em Londres, o atual primeiro-ministro britânico Keir Starmer e a presidente da Comissão Europeia, Ursula von der Leyen, se juntaram no primeiro *Summit* entre União Europeia e Reino Unido desde o Brexit. Assim, eles anunciaram negociações em diversas áreas, mas principalmente de segurança e defesa, aproximando os dois atores no que tange a segurança externa contra possíveis ameaças. Enquanto muito apoiadores do Brexit acusam Stramer de “trair” o Brexit, esse momento pode ser visto como uma aproximação entre o Reino Unido e a UE, principalmente para o futuro, e tendo em vista a crescente onda de os conflitos geopolíticos atuais (Financial Times, 2025).

3. APRESENTAÇÃO DO COMITÊ

O Conselho Europeu é uma organização fundada em 1974, na Cúpula de Paris, como uma instância informal que reúne chefes de Estado europeus para debates, a fim de firmar definições e orientações políticas gerais. Em 2009, o Conselho Europeu tornou-se parte da União Europeia como uma de suas instituições e é direcionado para a cooperação política sobre questões europeias, política exterior e segurança do continente. O órgão é formado pelos Líderes de Governo dos 27 países da União Europeia, o(a) presidente do Conselho e o(a) presidente da Comissão Europeia, e os principais objetivos do Conselho são definir orientações e prioridades políticas da agenda da UE e buscam adotar medidas para possíveis problemáticas do continente. Ou seja, o Conselho Europeu e as medidas formuladas por ele possuem caráter recomendatório, logo, não definem legislações para os países do bloco e não podem impor que as medidas sejam incorporadas. Geralmente, adotam decisões por meio de consenso, mas podem adotar votações, em alguns casos, como maioria simples, maioria qualificada, entre outros. O Conselho Europeu, em 2009, tornou-se parte da União Europeia como uma de suas instituições e é direcionado para a cooperação política sobre questões europeias, política exterior e segurança do continente (União Europeia, [s.d]).

Nesse sentido, 5 anos após o Brexit, o comitê reúne o Conselho Europeu (2025), a fim de aprofundar as raízes dos processos que levaram ao Brexit, propor debates que busquem analisar os impactos oriundos do Brexit e os efeitos deixados por esse fenômeno nos demais países europeus e nos países ao redor do mundo, e assim, propor medidas e soluções para mitigar as consequências do Brexit. Logo, ao final do comitê deverá ser redigida uma proposta de resolução que visa a formulação ou reformulação de medidas para mitigar as consequências do Brexit que permanecem até os dias atuais: consequências sociais como da questão migratória, a desaceleração da economia, questões de instabilidade política dentro da União Europeia e do Reino Unido, questões de segurança interna do continente, entre outras.

A reunião simulada será um desdobramento e continuação da reunião Especial do Conselho Europeu de 24-25 de maio de 2021, dentro da pauta de relações entre o Reino Unido e União Europeia do Conselho Europeu. Além disso, também serão revistados os aspectos do Acordo de Comércio e Cooperação EU-Reino Unido, a fim aprofundar nos aspectos que não foram contemplados pelo Acordo e de mitigar os efeitos negativos que permanece após o acordo.

Dessa forma, o comitê do Conselho Europeu (2025) contará com a presença de 44 delegações: 27 membros permanentes votantes, 4 membros não-permanentes votantes e 13 membros observadores não votantes. Entre os membros permanentes estão os 27 membros do Conselho Europeu: representados, no comitê, pelos países da União Europeia; as 4 delegações não permanentes, mas votantes representadas por os 4 países que compõem o Reino Unido, que apesar de não serem membros oficiais do Conselho, terão poder de voto dentro do comitê, devido a centralidade nas discussões. Por fim, entre as 13 delegações observadoras não votantes, estão organizações internacionais, como FMI, ACNUR e OMC; alguns países e blocos de integração regional, convidados para aprofundar e fomentar o debate, dar suporte e trazer novas informações e perspectivas nas discussões.

Assim, as delegações devem buscar formular medidas e orientações para atenuar os possíveis problemas oriundos do movimento do Brexit, sejam eles nas áreas sociais, econômica, política e de segurança, como a questão migratória e o avanço de movimentos ultranacionalistas.

4. PRINCIPAIS POSICIONAMENTOS DO COMITÊ

4.1 Delegações Impactadas positivamente pelo Brexit

Em primeiro lugar, temos o Reino Unido que devido aos resultados do plebiscito optou por deixar a União Europeia. Entretanto, dentro do próprio Reino Unido é possível destacar a Inglaterra e o País de Gales como os países que majoritariamente optaram pelo Brexit. Tal fato ocorre devido a Inglaterra ser a maior potência política e econômica do Reino Unido, sendo assim será menos afetada pelo processo de saída.

Apesar do impacto do Brexit em diversos países do continente africano, para Líbia e Zimbábue, a saída do Reino Unido pode levar a União Europeia a repensar sanções econômicas impostas pelo bloco nesses países, fortemente defendidas pelo Reino Unido. Além disso, essa fragilização da UE pode levar aos países africanos direcionarem suas relações econômicas a outros atores, como a China (United Nations, 2016).

4.2 Delegações impactadas negativamente pelo Brexit

Apesar de o Reino Unido ter deixado de fato a União Europeia, houve uma disparidade de resultados entre os próprios países que compõem o Reino Unido, como apresentado anteriormente. Nesse sentido, na Irlanda do Norte e na Escócia a opção por permanecer na União Europeia foi a vencedora. Na Escócia a proximidade com o bloco europeu era mais favorável a maioria do eleitorado, além de ser um país que depende da mão de obra imigrante e estrangeira devido ao seu grave contexto de envelhecimento populacional. Já a Irlanda do Norte, apesar de historicamente ter relações conflituosas com a Irlanda, permanece como seu principal parceiro comercial e principal mercado de exportação, logo manter a proximidade com o país vizinho, que é membro da União Europeia, é um elemento essencial (Sahuquillo, 2016).

A Polônia, que ingressou na UE em 2004, é um dos países mais beneficiados pelos fundos da União Europeia, e utilizam desses subsídios para diversas melhorias de infraestrutura e na agricultura. Países como a Polônia e outros países do leste europeu como a Romênia, Eslováquia e Lituânia, apresentaram os maiores crescimentos econômicos no bloco de 70 a 80%. Nesse sentido, esses países podem ser fortemente impactados pelo Brexit e os cenários de fragilização do bloco, uma vez que são os países mais beneficiados da União Europeia e o Reino Unido era um dos principais contribuintes dentro do bloco (Notes From Poland, 2024).

O Reino Unido, por ter sido um dos principais contribuintes da União Europeia, deixou impactos significativos para outros grandes países do bloco. A Alemanha, um dos principais integrantes da União Europeia, representa a maior parte do Produto Interno Bruto (PIB) do bloco, cerca de 24,2%, segundo dados da União Europeia. Nesse sentido, a saída do Reino Unido acarretou uma sobrecarga para essas principais economias da União Europeia, como a Alemanha e a França, além de aumentar o papel e as expectativas da Alemanha frente à EU (Ryan, 2020). Logo, os governantes da Alemanha buscam negociar e garantir medidas menos custosas, como tarifas alfandegárias, para a UE, buscando diminuir os impactos econômicos e sociais da saída do Reino Unido. A França é o segundo país que mais contribui com o PIB da União Europeia e também é um integrante que sofre a sobrecarga originada do Brexit, que retirou um dos principais contribuintes do bloco, o Reino Unido. Assim, o país busca definir as relações entre os países da União Europeia de maneira amigável e que impacte de maneira menos significativa na economia e vida dos cidadãos. A Itália é o terceiro país que mais contribui com o PIB da União Europeia, e por isso, também será impactado com a saída do Reino Unido. De maneira semelhante a França e a Alemanha, a Itália busca negociar para que os custos do Brexit sejam menores para os países da União Europeia, em questões alfandegárias e sociais. Além disso, a Itália é um país em que se nota um aumento do nacionalismo e de movimentos de ultra direita no continente europeu (BBC), logo, o Brexit pode ser um fator importante nas questões políticas italianas.

5. QUESTÕES RELEVANTES NAS DISCUSSÕES

A fim de fomentar as discussões sobre a saída do Reino Unido da União Europeia e em como o Conselho Europeu pode propor medidas para mitigar os impactos de Brexit, é possível elaborar as mais diversas questões como:

- De que maneira é possível propor soluções para impulsionar a economia do Reino Unido após a desaceleração da economia causada pelo Brexit?
- Como garantir a integridade e o fortalecimento da União Europeia após a saída de um dos principais contribuintes?
- De que maneira Reino Unido e União Europeia podem trabalhar em conjunto e implementando medidas de combate a ameaças de terrorismo, visando a segurança do continente, mesmo com o Reino Unido fora do bloco?



6. REFERÊNCIAS

ADLER, Katya. **Defence deals and palace invites: UK and EU haggle before first summit since Brexit.** BBC News. 2025. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/articles/ckg4r54kd8do>.

ADLER-NISSEN, Rebecca; GALPIN, Charlotte; ROSAMOND, Ben. **Performing Brexit: How a post-Brexit world is imagined outside the United Kingdom.** 2017. The British Journal of Politics and International Relations, 19(3), 573-591. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/1369148117711092>.

ANANIEVA, E. V. **Brexit: reasons, political background, implications.** 2018. Outlines of global transformations: politics, economics, law, v. 10, n. 6. Disponível em: https://www.ogt-journal.com/jour/article/view/261?locale=en_US.

BACHMANN, Veit; SIDAWAY, James D. **Brexit geopolitics.** 2016. Geoforum 77, 47–50. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.geoforum.2016.10.001>

BBC. **Europe and right-wing nationalism: A country-by-country guide.** 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-europe-36130006>.

BBC. **Resultados do referendo sobre o Brexit.** 2016. Disponível em: https://www.bbc.co.uk/news/politics/eu_referendum/results.

BBC BRASIL. **Como o Brexit afetou a economia global e o futuro do Reino Unido.** 2021. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/economia/macroeconomia/como-o-brexit-quebrou-as-bases-economicas-do-reino-unido/>

BBC BRASIL. **Brexit: o que mudou e o que pode acontecer?.** 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/c3gvyqnj0eoz>.

BBC NEWS. **'Voltem para casa': relatos de xenofobia inundam redes sociais após votação da Brexit.** 2016. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-36625173>.

BBC NEWS Brasil. **Crise financeira: um colapso que ameaçou o capitalismo.** 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-55966588>.

BRITANNICA. **Finance of Northern Ireland.** 2025. Disponível em: <https://www.britannica.com/place/Northern-Ireland/Finance>.

BUENO, Chris. **Brexit e o novo momento para a Europa.** 2016. Cienc. Cult., São Paulo, v. 68, n. 4, p. 14-16. Disponível em: http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252016000400006&lng=pt&tlng=pt

CLARKE, Harold D; GOODWIN, Matthew; WHITELEY, Paul. **Brexit: Why Britain Voted to Leave the European Union.** Cambridge University Press; 2017. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=aNcoDwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PR7&dq=brexit+&ots=j8f5PrgSSj&sig=wLwtRYsRH7S-a-d60vCMIUuL4Yc#v=onepage&q=brexit&f=false>.

COLLINSON, Stephen. **Avanço da extrema direita na Europa pode ser profecia para Trump**. CNN Brasil. 2024. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/analise-avanco-da-extrema-direita-na-europa-pode-ser-profecia-para-trump/>.

CONSELHO EUROPEU. **O espaço Schengen em síntese**. 2025. Disponível em: <https://www.consilium.europa.eu/pt/policies/schengen-area/>.

CONSELHO EUROPEU. **Tratado de Lisboa. Conselho da União Europeia**. 2024. Disponível em: <https://www.consilium.europa.eu/ro/lisbon-treaty/>.

COX, Michael. **The Rise of Populism and the Crisis of Globalisation: Brexit, Trump and Beyond**. 2017. Irish Studies in International Affairs, vol. 28, p. 9-17. Project MUSE, Disponível em: <https://dx.doi.org/10.1353/isia.2017.0010>.

DELLA POSTA, Pompeo; REHMAN, Scheherazade S. **Brexit: Origins and future perspectives**. 2017. After Brexit: Consequences for the European Union. Disponível em: https://link.springer.com/chapter/10.1007/978-3-319-66670-9_2.

DE VILLE, Ferdi; SILES-BRÜGGE, Gabriel. **The Impact of Brexit on EU Policies**. 2019. Vol 7, No 3. Disponível em: <https://doi.org/10.17645/pag.v7i3.2129>.

DE PAIVA PIRES, Samuel. **Brexit, the Rise of China, and the Future of the Liberal International Order and Great Power Competition**. 2022. Soc 59, 747–758. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s12115-022-00751-7>.

DHARSHINI, David. **Três anos do Brexit: Reino Unido tem pior economia entre países ricos**. 2023. BBC News. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/ce7314e1w7lo>.

DHIGRA, Swati; SAMPSON, Thomas. **Life after BREXIT: What are the UK's options outside the European Union?**. 2016. BREXIT 2016 Policy analysis from the Centre for Economic Performance. London School of Economics and Political Science. Disponível em: <https://personal.lse.ac.uk/sampson/LifeAfter.pdf>.

DINAN, Desmond. **Europe recast: a history of European Union**. 2004. Basingstoke: Palgrave Macmillan.

DOMÍNGUEZ, Íñigo. **As promessas quebradas do 'Brexit'**. 2016. El País. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2016/06/30/internacional/1467291829_906832.html.

DW. **Como o Brexit pode afetar o futuro da Escócia**. Deutsche Welle. 2016. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/como-o-brexit-pode-afetar-o-futuro-da-esc%C3%B3cia/a-19341593>

EL PAÍS. **Reino Unido decide deixar a União Europeia; veja o que isso pode significar**. El País Brasil. 2016. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2016/06/15/internacional/1465985703_933248.html.

EUROPEAN COUNCIL. **EU-UK withdrawal agreement**. 2025. Disponível em: <https://www.consilium.europa.eu/en/policies/the-eu-uk-withdrawal-agreement/>.

EUROPEAN COUNCIL. **The EU's response to Brexit**. 2020. Disponível em: <https://www.consilium.europa.eu/en/brexit/>.

EUROPEAN UNION. **European Council: an overview.** 2019. Disponível em: https://europa.eu/european-union/about-eu/institutions-bodies/european-council_en

EXAME. **União Europeia se prepara para novos membros até 2030; Veja 10 países que tentam entrar no bloco.** 2023. Disponível em: <https://exame.com/mundo/uniao-europeia-se-prepara-para-novos-membros-ate-2030-veja10-paises-que-tentam-entrar-no-bloco/>.

FINANCIAL TIMES. **UK and EU agree post-Brexit reset at showpiece summit.** 2025. Disponível em: <https://www.ft.com/content/47adc80f-ab03-49a1-9f7e-1a5962e71b83>.

FGV. **FMI alerta sobre envelhecimento populacional e defende imigração como solução.** 2021. Disponível em: <https://eesp.fgv.br/noticia/fmi-alerta-sobre-envelhecimento-populacional-e-defende-imigracao-como-solucao>.

GLOBO, G1. **Brexit derruba bolsas pelo mundo; veja como fecharam os mercados.** 2016. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/mercados/noticia/2016/06/brexit-derruba-bolsas-pelo-mundo-veja-como-fecharam-os-mercados.html>.

GLOBO, G1. **Veja 4 possíveis impactos econômicos da saída do Reino Unido da UE.** 2016. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2016/06/veja-4-possiveis-impactos-economicos-da-saida-do-reino-unido-da-ue.html>.

HENÖKL, Thomas. **How Brexit affects EU external action: The UK's legacy in European international cooperation.** 2018. Futures, Volume 97, 63-72. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.futures.2017.07.002>.

IG. **Pros and cons of Brexit.** 2020. Disponível em: <https://www.ig.com/en/financial-events/brexit/pros-and-cons-of-brexit>

KAISER, Wolfram; LEUCHT, Brigitte; RASMUSSEN, Morten. **The History of the European Union.** 2009. Origins of a trans-and supranational polity, v. 1972, 1950. Disponível em: The History of the European Union

KIRK, Ashley. **EU referendum: Which type of person wants to leave, and who will be voting to remain?.** 2016. The Telegraph. Disponível em: <https://www.telegraph.co.uk/politics/2016/06/22/eu-referendum-which-type-of-person-wants-to-leave-and-who-will-b/>.

MEARSHEIMER, John J. **Bound to fail: The rise and fall of the liberal international order.** International security, 2019, v. 43, n. 4, p. 7-50. Disponível em: <https://direct.mit.edu/isec/article/43/4/7/12221/Bound-to-Fail-The-Rise-and-Fall-of-the-Liberal>.

MENDEZ-PARRA, Maximiliano. **How does Britain benefit from being in the EU?.** 2024. World Economic Forum. Disponível em: <https://www.weforum.org/stories/2014/11/how-does-britain-benefit-from-being-in-the-eu/>.

NAÇÕES UNIDAS. **Envelhecimento.** UNRIC, 2024. Disponível em: <https://unric.org/pt/envelhecimento/>.

NOTES FROM POLAND. **Poland biggest beneficiary of EU membership among eastern member states, finds study.** 2024. Disponível em: <https://notesfrompoland.com/2024/04/03/poland-biggest-beneficiary-of-eu-membership-among-eastern-member-states-finds-study/>.

NUGENT, Ciara. **It's Complicated: From the Roman Empire to Brexit, Britain Has Always Struggled to Define Its Relationship With Europe.** 2019. Times Magazine. Disponível em: <https://time.com/5563689/britain-europe-relationship-history/>.

OUTHWAITE, William (Ed.). **Brexit: sociological responses.** Anthem Press, 2017.

PARLAMENTO EUROPEU. **Tratado de Lisboa.** 2024. Disponível em: <https://www.europarl.europa.eu/factsheets/pt/sheet/5/tratado-de-lisboa>.

PARLAMENTO EUROPEU. **Os Tratados de Maastricht e de Amsterdão.** 2024. Disponível em: <https://www.europarl.europa.eu/factsheets/pt/sheet/3/os-tratados-de-maastricht-e-de-amsterdam>.

PETTIFOR, Ann. **Brexit and its Consequences.** 2016. Globalizations, 14(1), 127–132. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/14747731.2016.1229953>.

RYAN, John. **Brexit has complicated and isolated Germany's role in the EU.** 2020. London School of Economics. Disponível em: <https://blogs.lse.ac.uk/brexit/2020/04/07/brexit-has-complicated-and-isolated-germanys-role-in-the-eu/>.

SAHUQUILLO, María R. **Escócia vê independência como caminho para continuar na União Europeia.** 2016. El País. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2016/06/26/internacional/1466918314_970194.html.

SOMAI, Miklós; BIEDERMANN, Zsuzsánna. **Brexit: Reasons and challenges.** 2016. Acta Oeconomica, 66(s1), 137-156. Disponível em: <https://doi.org/10.1556/032.2016.66.s1.8>

TERRA. **Políticos franceses tentam capitalizar com Brexit.** 2016. Disponível em: https://www.terra.com.br/noticias/politicos-franceses-tentam-capitalizar-com-brexit,465154fcd497a47cd32e61105dd8ed2sf79tcoa.html?utm_source=clipboard.

THE CONVERSATION. **British people now define themselves as 'Leavers' or 'Remainers' – so what happens after Brexit?** 2020. Disponível em: <https://theconversation.com/british-people-now-define-themselves-as-leavers-or-remainers-so-what-happens-after-brexit-130634>.

THE GUARDIAN. **Barack Obama: Brexit would put UK 'back of the queue' for trade talks.** 2016. Disponível em: <https://www.theguardian.com/politics/2016/apr/22/barack-obama-brexit-uk-back-of-queue-for-trade-talks>.

THE NEW YORK TIMES. **How Britain Voted in the E.U. Referendum.** 2016. Disponível em: <https://www.nytimes.com/interactive/2016/06/24/world/europe/how-britain-voted-brexit-referendum.html>.

THISSEN, Mark; VAN OORT, Frank; MCCANN, Philip; ORTEGA-ARGILÉS, Raquel; HUSBY, Trond. **The Implications of Brexit for UK and EU Regional Competitiveness.** 2020. Economic Geography 96 (5): 397–421. doi:10.1080/00130095.2020.1820862.

UNIÃO EUROPEIA. **Conselho Europeu.** Instituição da EU. Disponível em: https://european-union.europa.eu/institutions-law-budget/institutions-and-bodies/search-all-eu-institutions-and-bodies/european-council_pt.

UNIÃO EUROPEIA. **Factos e números sobre a União Europeia.** Disponível em: https://european-union.europa.eu/principles-countries-history/facts-and-figures-european-union_pt#:~:text=A%20Alemanha%20det%C3%A9m%20a%20maior,quase%20toda%20a%20porcentagem%20restante. UNIÃO EUROPEIA. **História da União Europeia: 1945-1959.**

União Europeia. Disponível em: https://european-union.europa.eu/principles-countries-history/history-eu/1945-59_pt.

UNIÃO EUROPEIA. **Tipos de instituições e órgãos.** União Europeia, s.d. Disponível em: https://european-union.europa.eu/institutions-law-budget/institutions-and-bodies/types-institutions-and-bodies_pt.

UNITED NATIONS. **Africa after Brexit.** Africa Renewal. 2016. Disponível em: <https://www.un.org/africarenewal/magazine/august-2016/africa-after-brexit>.

WHEELER, Brian. **David Cameron, o primeiro-ministro que perdeu tudo ao apostar contra os eurocéticos.** BBC News Brasil. 2016. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-36625169>.

WHITELEY, Paul. **Why Britain really voted to leave the European Union.** 2017. University of Essex. Disponível em: <https://www.essex.ac.uk/research/showcase/why-britain-really-voted-to-leave-the-european-union>.

WILSON, Sam. **Britain and the EU: A long and rocky relationship.** 2014. BBC News. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/uk-politics-26515129>.

YOUNGOV. **EU referendum: Provincial England versus London and the Celts** 2016. Disponível em: <https://yougov.co.uk/politics/articles/14987-eu-referendum-provincial-england-versus-london-and>.

ZIADY, Hanna. **Como o Brexit quebrou as bases econômicas do Reino Unido.** 2022. CNN. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/economia/macroeconomia/como-o-brexit-quebrou-as-bases-economicas-do-reino-unido/>.

7. QUADRO DE DELEGAÇÕES – Conselho Europeu (2025)

NOME DA DELEGAÇÃO	TIPO DA DELEGAÇÃO
MEMBROS VOTANTES	
Alemanha	Membro Permanente
Áustria	Membro Permanente
Bélgica	Membro Permanente
Bulgária	Membro Permanente
República Tcheca	Membro Permanente
Chipre	Membro Permanente
Croácia	Membro Permanente
Dinamarca	Membro Permanente
Escócia	Membro Convidado
Eslováquia	Membro Permanente
Eslovênia	Membro Permanente
Espanha	Membro Permanente
Estônia	Membro Permanente
Finlândia	Membro Permanente
França	Membro Permanente
Grécia	Membro Permanente
Hungria	Membro Permanente
Inglaterra	Membro Convidado
Irlanda	Membro Permanente
Irlanda do Norte	Membro Convidado
Itália	Membro Permanente
Letônia	Membro Permanente
Lituânia	Membro Permanente
Luxemburgo	Membro Permanente
Malta	Membro Permanente
País de Gales	Membro Convidado
Países Baixos	Membro Permanente
Polônia	Membro Permanente
Portugal	Membro Permanente
Romênia	Membro Permanente
Suécia	Membro Permanente

MEMBROS NÃO VOTANTES

ACNUR	Membro Convidado
Anistia Internacional	Membro Convidado
China	Membro Convidado
Estados Unidos	Membro Convidado
Fundo Monetário Internacional (FMI)	Membro Convidado
Human Rights Watch	Membro Convidado
Mercosul	Membro Convidado
ONU-Habitat	Membro Convidado
Organização Mundial de Comércio (OMC)	Membro Convidado
Organização Mundial de Saúde (OMS)	Membro Convidado
Rússia	Membro Convidado
Turquia	Membro Convidado
União Africana	Membro Convidado